

LEITURA NA ESCOLA: O TEXTO PODE SER UM PRESENTE, NÃO UMA OBRIGAÇÃO

Maria de Fátima de Mello (UFU)
fatima.1407@hotmail.com

Na escola, tradicionalmente ainda predomina o discurso autoritário, pois há a ideia de um sujeito (falante e ouvinte) homogêneo; uma enunciação isenta de tensão; e a falta de reversibilidade de papéis, onde só aluno aprende, só professor ensina (ORLANDI,1999). Considerando que a experiência de ler com os alunos e para eles na sala de aula é muito enriquecedora e lembramos o que nos diz Larrosa: “Ler é morar e demorar-se no dito, é recolher-se na indeterminação do saber, sem um final. A ação de ler extravasa o texto e o abre para o infinito” (2001, p. 142), entendemos que a leitura vai ao encontro da liberdade porque permite buscar outras possibilidades. Conforme Queirós (2012), a leitura é feita imaginação e a escola não deve transformá-la em uma ferramenta pedagógica, limitando, acanhando, como se o convívio com a fantasia fosse um bem menor. Neste trabalho, queremos problematizar a questão da leitura que não deve ser obrigação, mas um presente, pois é isto que o texto é, um presente. A discussão conta com o aporte teórico de Barthes (2003), Larrosa (2001), Orlandi (1999), Queirós (2012) e Kohan (2004). A escola não pode ser sinônimo de contenção da liberdade e a relação pedagógica deve empreender deslocamentos da ordem de uma ação educativa e contribuir para a formação de indivíduos desenvolvidos permitindo a inserção deles em uma coletividade. A leitura tem o poder de convocar os envolvidos na relação pedagógica a se engajarem nessa relação onde o humano possa encontrar um lugar entre seus pares e inserir-se na cultura.

Palavras-chave: Leitura. Deslocamentos. Liberdade. Presente.